PRÓLOGO

Quando Aidan abre a porta, Clare põe-se em bicos dos pés para o beijar, e, por um instante, parece que aquela noite é como outra qualquer.

— Olá — diz ela depois de devolver os pés à sua posição normal, e ele sorri.

— Olá.

Ficam os dois a olhar-se durante longos segundos, ambos sem saber muito bem como começar.

— Então — acaba ela por dizer.

Aidan arrisca um sorriso.

— Então.

— Acho que é isto.

Ele assente.

— Acho que sim.

— A última noite — diz Clare, e Aidan inclina a cabeça.

— Sabes que não precisa de ser.

— Aidan…

— Eu sei, eu sei — diz ele, erguendo as mãos. — Mas não me podes censurar por tentar, pois não? Ainda tenho algum tempo para te fazer mudar de ideias.

— Apenas doze horas — diz ela, com o olho no relógio. — Não acredito que já só nos resta isto.

— E só se não dormirmos.

— É óbvio que não vamos perder tempo a dormir — diz-lhe ela, sacando uma folha de papel dobrada do bolso do vestido. — Temos demasiadas coisas para fazer.

Aidan alça uma sobrancelha.

— Espero bem que isso não seja uma lista de razões para acabarmos…

— Não é — diz ela, entregando-lhe a folha e observando-o enquanto ele a examina com uma expressão perplexa. — Só achei que talvez fosse bom termos um plano.

— E é isto?

— É — responde ela, confirmando com a cabeça.

— *Okay* — diz Aidan, respirando fundo. — Nesse caso, é melhor pormo-nos a caminho.

Juntos, começam a dirigir-se para o carro, mas, a meio do trajeto, Clare para de repente, inexplicavelmente nervosa, o coração a martelar-lhe no peito. Olha para Aidan com uma ligeira expressão de pânico.

— Isto é, tipo, uma loucura, não é?

— O quê?

— Estarmos de partida amanhã — responde ela, subindo um pouco o tom. — Depois deste tempo todo, só nos restam doze horas. Quer dizer… finalmente chegámos a este ponto, percebes? Ao fim da estrada.

— Ou — recorda-lhe ele — ao princípio.

Clare não diz nada; quer desesperadamente acreditar nele, mas, ali parada, à beira de algo tão importante, parece-lhe impossível.

— Vai por mim — diz ele, pegando-lhe na mão. — Pode acontecer muita coisa em doze horas.

PARAGEM #1

O LICEU

18h24

No carro, Aidan faz uma pausa antes de girar a chave na ignição e, por um breve segundo, Clare permite-se imaginar que vão simplesmente jantar ou ao cinema, ou fazer outra coisa qualquer, na realidade — até aquela espécie de passeio sem destino nem objetivo que tantas vezes fora o programa de ambos. As noites deles pareciam começar sempre assim: os dois sentados no empoeirado *Volvo* de Aidan, a ver se decidiam o que fazer.

Mas aquela noite é diferente.

Não é de todo um início. Aquela noite é um fim.

As mãos de Aidan ainda pairam acima das chaves e Clare olha para a folha de papel que tem no colo. Durante o pequeno trajeto até casa dos Gallagher — um trajeto que deve ter feito um milhar de vezes nos dois anos anteriores —, ela dobrou e redobrou a página tantas vezes que o papel já está mole e amarrotado.

— Talvez devêssemos simplesmente arrancar ou assim — diz Aidan, olhando para ela de esguelha. — Sem sair da estrada até chegarmos ao Canadá.

— Canadá? — pergunta ela, alçando as sobrancelhas. — Estamos a dar à sola?

Aidan encolhe os ombros.

— Está bem. Talvez só até ao Wisconsin, então.

Ela estende o braço e pousa-lhe a mão na nuca, onde o cabelo arruivado ainda está acabadinho de cortar, à escovinha, de uma maneira que, vá-se lá saber porquê, o faz parecer mais velho.

— Parto amanhã logo pela manhã — diz ela num tom meigo. — Já tenho a bagagem no carro. E o teu voo é ao meio-dia.

— Eu sei — diz Aidan sem olhar para ela. Tem os olhos fixos na porta fechada da garagem. — É isso mesmo que estou a dizer. Podíamos largar tudo.

— A faculdade? — pergunta ela com um sorriso, baixando a mão.

— Isso mesmo — confirma ele com um movimento de cabeça. — Quem é que precisa da faculdade? Podíamos antes fugir juntos. Só um ano, ou assim. Começávamos uma vida nova. No campo. Ou melhor ainda, numa ilha deserta.

— Havias de ficar *lindo* numa saia de ráfia.

— Estou a falar a sério — diz ele, embora ela saiba que não. Só está desesperado e triste, nervoso e entusiasmado, extremamente inseguro a respeito de tudo à medida que ambos se aproximam da linha invisível que lhes vai separar a vida num antes e num depois. E o mesmo se passa com ela.

— Aidan — diz ela baixinho, e, desta feita, os olhos dele não a evitam. — Isto vai acontecer. Amanhã. Haja o que houver.

— Eu sei — admite ele.

— E é por isso que temos de decidir o que fazer.

— Sim, mas…

— Não — interrompe ela ao mesmo tempo que ergue a folha de papel. — Chega de conversa. Passámos o verão todo nisto e não chegámos a lado nenhum. Só temos andado às voltas: ficamos juntos, acabamos, ficamos juntos, acabamos…

— Ficamos juntos — remata ele com um ligeiro sorriso.

Clare ri-se.

— A questão é que não temos emenda. Portanto, acabou a conversa. Para já, arrancamos e depois logo se vê, *okay*?

Ele debruça-se, agarra nas chaves e liga o motor.

— *Okay*.

A primeira paragem não é longe e eles fazem o caminho em silêncio, todos os pontos familiares da cidade a desfilar pela janela: a ponte sobre a ravina, a estrada ladeada por pinheiros, o mirante no parque.

Clare tenta absorver tudo aquilo à medida que vão passando, a abrir, porque sabe que, quando voltar no Dia de Ação de Graças, pode ser que já seja alguém completamente diferente, e desconfia que — exatamente por isso — tudo aquilo também lhe possa parecer diferente. E há algo nisso que a assusta. Como tal, uma a uma, ela tenta memorizar todas aquelas coisas nos seus devidos lugares: cada árvore, cada rua, cada casa.

Fora assim que tudo começara naquela manhã, quando ela acordara em pânico a pensar na quantidade de despedidas ainda por dizer. Não apenas das pessoas: de Aidan, obviamente; da sua melhor amiga, Stella; de Riley, a irmã de Aidan; e do seu amigo Scotty, além do punhado de outros amigos que ainda ali estão.

Mas havia também a cidade. Todas as coisas que tinham sido o cenário da sua infância. Não podia ir-se embora sem uma última visita à praça relvada, nem sem uma última fatia de piza no seu lugar preferido. Não podia muito menos ir-se embora sem mais uma ida à praia, uma última festa, uma última passagem pelo liceu.

Como tal, tinha feito uma lista. Mas não demorara muito a perceber que a maior parte das suas coisas importantes estava incontornavelmente ligada a Aidan. Aquele lugar era uma espécie de cidade-fantasma, pejado de marcos e de lembranças dos quase dois anos da relação de ambos.

E era por isso que aquela noite se transformara numa coisa diferente: um percurso nostálgico, uma viagem ao passado, um passeio pela alameda das lembranças. Havia de ser uma maneira de dizer adeus àquela cidade onde vivera toda a sua vida, e, talvez — de algum modo —, a Aidan também.

Não consegue impedir-se de estremecer ao pensar naquilo tudo, pelo que aperta o botão na porta do carro para fechar a janela.

Aidan olha para ela.

— Demasiado ventoso? — pergunta ele, subindo o vidro do seu lado, e ela assente.

Todavia, é mais do que isso. É o mesmo pavor gelado que toma conta dela sempre que começa a imaginar, não só o adeus, mas tudo o que

virá depois: a dor que certamente irá atrás deles até costas opostas do país, tão forte que até já a sente, estando ele apenas a poucos centímetros de distância.

A verdade é que ela ainda está à espera de que o coração aceite a escolha que a cabeça já fez. Mas o tempo está a esgotar-se.

Quando chegam à longa estrada de acesso ao liceu, Aidan franze o sobrolho.

— Então, diz-me lá — diz ele quando já estão à frente da extensa construção e entram num dos lugares de estacionamento vazios. — Porque é que estamos aqui, exatamente?

A noite está a começar numa sexta-feira perto do fim de agosto, e a escola está silenciosa e deserta. Embora tenha passado quatro anos ali, Clare já sente dificuldade em recordar-se da atmosfera do lugar quando estava cheio de alunos, todos eles a escapar pelas portas de madeira rumo ao relvado dianteiro. Só passaram dois meses, mas, de alguma forma, tudo aquilo parece ter acontecido há muito tempo.

— Porque — responde ela, virando-se para Aidan — é a primeira paragem da lista.

— *Isso* sei eu. Mas por que cargas d'água?

— Foi onde nos conhecemos — explica ela ao sair do carro. — E a ideia é começar pelo princípio.

— Então, isto é uma caça ao tesouro *cronológica*.

— Não tem nada que ver com caças ao tesouro. Pensa antes que é mais uma ação de formação, um curso de atualização, se preferires.

— Um curso de atualização em quê?

Ela sorri-lhe por cima do tejadilho.

— Em nós.

— Então, é, tipo, os nossos melhores momentos — diz ele, fazendo girar as chaves no dedo enquanto vai ter com ela, e, por um instante, é como se mais nada estivesse a acontecer. Naquele momento, apenas naquele segundo, ele não é a pessoa que Clare conhece melhor no mundo, mas sim o novo rapaz mais uma vez, aquele que aparecera no primeiro dia do primeiro ano — todo ele cabelo ruivo e sardas, e uma altura ridícula —, vindo do nada e virando-a do avesso.

A luz oblíqua está por trás dele, obrigando Clare a semicerrar os olhos enquanto o observa durante alguns longos segundos.

— Já te contei — pergunta ela — que costumava atrasar-me para a aula de Inglês todos os dias, só para me cruzar contigo a caminho da tua aula de Álgebra?

— Bem, agora até me sinto mal — diz ele, com os cantos dos olhos franzidos. — Se soubesse *isso*, teria tentado ser mais pontual.

— Não teria feito diferença — diz ela, recordando-se de como ele costumava dobrar a esquina de supetão, livros debaixo do braço como se fossem uma bola de futebol americano, sempre depois do toque (a princípio, porque se perdia e, depois, porque encontrava sempre maneira de perder a noção das horas). — Eu havia de ficar à espera o dia inteiro. Provavelmente, ficaria à espera para sempre.

Claro que ela não está a falar a sério, mas há algo de saudoso no seu sorriso.

— Ah, sim? — pergunta ele.

Clare encolhe os ombros.

— Sim.

— Quem me dera que ainda fosse assim — diz ele, embora sem maldade alguma, mas sim de forma calma, ponderada; uma verdade simples, um pedido sincero.

Mas, mesmo assim, deixa uma mossa.

— Tens de parar com isso — pede Clare. — Parar de ser o romântico.

— O quê!? — pergunta ele com ar surpreendido.

— Não é justo. Detesto que sejas o bonzinho nisto. Não é como se eu quisesse *acabar*. Só de pensar nisto dá cabo de mim, mas estou a tentar ser prática. A partir de amanhã, vamos estar a um milhão de quilómetros um do outro, e não faz sentido fazer isto de outra maneira. Portanto, tens de parar.

— Parar de… ser romântico? — pergunta Aidan, parecendo estar a achar graça.

— Sim.

— Já pensaste que talvez tenhas de parar de ser tão prática?

Clare suspira.

— Um de nós tem de o ser.

— Estás a falar daquela que planeou uma romântica caça ao tesouro para a nossa última noite? — pergunta ele, passando-lhe um braço por cima dos ombros e apertando-a ao de leve.

Ela revira os olhos.

— Não é uma caça ao tesouro.

— Bem, seja lá o que for, parece-me suspeitamente romântico para alguém tão irritantemente prática — diz ele, puxando-a para mais perto.

A cabeça dela fica-lhe pela altura do peito, pelo que tem de levantar o queixo para o encarar. Quando o faz, Aidan inclina-se para a beijar, e, embora já o tenham feito um milhar de vezes (naquele mesmo estacionamento, inclusive), aquilo ainda lhe solta as proverbiais borboletas na barriga, acompanhadas de uma inesperada preocupação — beijos como aqueles, já são muito poucos os que lhes restam.

Juntos, avançam até aos degraus da entrada do liceu e Clare puxa a maçaneta da grande porta de madeira, mas a dita recusa-se a ceder. Ela bate algumas vezes, não vá estar algum segurança lá dentro, mas ninguém responde.

— Ainda faltam algumas semanas para as aulas começarem — refere Aidan. — Tenho a certeza de que não está cá ninguém numa sexta-feira à noite.

— Achei que talvez houvesse aulas suplementares ou assim…

— Podemos simplesmente saltar isto e seguir para seja lá o que for que vem a seguir.

Clare abana a cabeça, sem saber muito bem como explicar que o objetivo daquela noite é exatamente aquele. Compactar dois anos inteiros numa única e última noite; despejar todas as peças da caixa e depois arrumá-las de volta, pela ordem certa, para que ambos possam ver o todo.

E para que, assim, possam dizer adeus.

Mas, para o fazer, têm de começar pelo princípio.

— Não — diz ela, com os olhos postos no edifício de pedra. — Tem de haver uma maneira de entrar. Foi o primeiro lugar onde nos vimos…

Aidan sorri.

— Aula de Ciências do Sr. Coady.

— Exatamente — confirma ela. — Não que tu te lembres.

— Claro que me lembro.

— Não te lembras, não. Pelo menos, não daquele primeiro dia.

— Oh, então? — insiste Aidan, a rir. — Como é que alguém podia não se lembrar de *ti*?

— Impossível — concorda ela, embora saiba que não é verdade.

Já lhe tinham chamado muitas coisas (inteligente e engraçada, motivada e talentosa), mas inesquecível não era certamente uma delas. As coisas mais importantes, aquelas das quais ela mais se orgulha, só se tornam aparentes quando alguém a conhece a sério. À primeira vista, ela é quase desinteressante: cabelo e olhos castanhos, altura mediana e aspeto normal. Essencialmente, passa despercebida, algo que nunca a preocupou: no liceu, até pode ser vantajoso. Mas isso também significava que, antes de Aidan, nenhum rapaz tinha olhado duas vezes para ela.

Naquele primeiro dia, ele ficara na carteira imediatamente atrás da dela. O professor estava a distribuir geodos para que os fizessem circular pela sala, e, quando chegara a vez de Clare, ela fizera uma concha com as mãos para aceitar um deles. Parecia uma pedra velha por fora, mas, no interior, estava repleta de cristais roxos cintilantes. Quando ela se virou para o passar ao novo aluno, ele manteve os olhos fixos na pedra. Mas mais tarde — depois de Aidan finalmente ter reparado nela, depois de os dois terem percebido que aquilo era o começo de alguma coisa —, ela havia de voltar àquele momento uma e outra vez. Porque era assim que se sentia quando estava com ele — como se tivesse sido uma pedra toda a sua vida, banal e desengraçada, e, só quando o conhecera é que algo se tinha aberto dentro dela e, sem mais nem menos, Clare começara a cintilar.

— Temos de entrar — insiste Clare, sentindo-se estranhamente desesperada.

— É assim tão importante? — pergunta-lhe ele, olhando-a com uma expressão estranha.

— É — responde ela, sacudindo de novo a maçaneta da porta, embora seja obviamente inútil. — Temos de começar isto como deve ser.

Clare sabe que ele não entende por que motivo aquilo é tão importante para ela, e nem sabe se seria capaz de lho explicar mesmo que tentasse. É só que o relógio não para, com pressa para chegar ao dia seguinte, o dia em que tudo há de mudar. E aquilo — aquele plano para

a última noite dos dois juntos — devia ser a coisa que ela seria capaz de controlar.

Clare passou o verão inteiro a analisar descrições de disciplinas e mapas de *campus*, a ler mensagens da nova colega de quarto, numa tentativa de obter uma imagem mais nítida do que a sua vida passará a ser em breve. Mas, por mais que tenha lido, por mais que tenha tentado descobrir, é impossível imaginar os pormenores. E este não saber é que é a parte mais difícil.

E são tantas as coisas que ela não sabe. Não sabe se vai conseguir conjugar as aulas de Introdução à Psicologia com as de História do Japão, nem se terá companhia no refeitório durante aqueles primeiros dias críticos, quando grupos vagos de desconhecidos começam a consolidar-se em grupos de amigos, como cimento a endurecer.

Não sabe se se vai dar bem com a colega de quarto, uma rapariga de Nova Iorque chamada Beatrice St. James, que parece só estar interessada nas bandas que pôde ver ao vivo naquele verão, e que — Clare assim desconfia — há de acabar por cobrir as paredes do quarto com cartazes de concertos.

Não sabe se será um erro deixar ficar o seu casaco de inverno até às miniférias do Dia de Ação de Graças, se vai achar insuportável partilhar uma casa de banho com outras vinte pessoas, se as raparigas da Costa Leste se vestem de maneira diferente das dali, de Chicago. Não sabe se vai dar nas vistas ou integrar-se, afundar-se a pique ou flutuar, ter saudades de casa ou ser independente, sentir-se triste ou feliz.

E, o mais importante, não sabe se conseguirá sobreviver a tudo aquilo sem ter Aidan do outro lado da linha.

Agora, afasta-se das portas de madeira do liceu com um suspiro de derrota.

— Isto não é um bom começo — admite.

Aidan encolhe os ombros.

— E faz assim tanta diferença? Quer dizer, não achas que é uma boa aproximação?

— Uma boa aproximação, mas não chega.

— *Claro* que não — concorda ele, revirando os olhos, mas não deixa de ir atrás dela quando Clare começa a contornar o edifício, passando

pelo estacionamento dos funcionários, pelo auditório e por toda a ala oeste, até que chegam às traseiras. Sempre que passam por uma nova porta, um dos dois tenta abri-la, mas estão todas trancadas, sem exceção.

Por fim, mesmo atrás do liceu, param diante da janela da sala do Sr. Coady, no rés do chão, com as mãos em concha contra o vidro para espreitar o interior. A sala está escura e silenciosa; o quadro negro, limpo; as carteiras, também elas negras, cobertas com uma fina camada de pó, e as rochas e outras amostras impecavelmente empilhadas em caixas ao longo da parede oposta.

— Parece diferente — observa Aidan. — Não parece?

Ao lado dele, Clare assente com a cabeça.

— Quase parece que é mais pequena, ou assim.

— Deve ser porque agora já somos alunos da faculdade — diz Aidan com um sorriso, e os dois recuam, afastando-se do vidro. Ele pousa-lhe uma mão no ombro. — Lamento não termos conseguido entrar.

Ela não responde; em vez disso, o seu olhar ergue-se para o alto da enorme janela e, então, passa os dedos pelo caixilho antes de bater no vidro.

— Será que… — começa ela, mas Aidan interrompe-a:

— Nem pensar. É que nem vale a pena dizeres.

— Será que conseguimos encontrar uma maneira de forçar a entrada? — continua ela, ignorando-o.

— Estás a gozar, certo?

— Nem por isso — responde Clare com uma piscadela de olho.

— Não me parece que seja a melhor altura para qualquer um de nós ser preso — diz ele, começando a corar, como sempre acontece quando ela o deixa frustrado. — Tenho a impressão de que a UCLA é capaz de não achar graça a esse género de coisa, e não preciso de dar ao meu pai mais um pretexto para se sentir desiludido comigo. Não quando estou quase a apanhar-me fora daqui.

— Sim, mas…

Ele levanta uma mão, interrompendo-a antes que possa continuar.

— Aposto que Dartmouth também não havia de ficar encantada — recorda-lhe ele, apontando depois para a janela. — Além disso, estamos

aqui. Eu sei que a expressão «uma boa aproximação» não faz parte do teu vocabulário, mas… porque é que isto é tão importante para ti?

— Porque — responde ela, mostrando-lhe a folha de papel, que agora está reduzida a uma bola na sua mão — esta é a nossa última noite. E devia ser perfeita. E se nem sequer conseguimos acertar com isto…

A expressão de Aidan torna-se mais branda.

— Isto não é uma metáfora. Se não riscarmos todos os itens da lista, isso só quer dizer que somos flexíveis. Somos capazes de nos adaptar. E isso é bom, sabias?

— Tens razão — admite ela, engolindo com dificuldade. — Eu sei que tens razão.

Mas, mesmo assim, sente-se inexplicavelmente triste. Porque é óbvio que Aidan havia de pensar assim. Ele quer desesperadamente que tudo dê certo entre os dois. Se, naquele preciso momento, passasse por um pedaço de passeio onde se pudesse ler A CLARE E O AIDAN DEVIAM ACABAR DEFINITIVAMENTE ESTA NOITE em giz numa cor garrida, ele havia de encontrar alguma maneira de explicar aquilo, dar a volta à situação e transformá-la em algo positivo.

Talvez o mundo não esteja assim tão cheio de sinais como de pessoas que tentam usar qualquer prova que consigam encontrar para se convencerem a si mesmas daquilo que esperam que seja a verdade.

Para Clare, parece bastante claro que um princípio como aquele não é um bom presságio, e ela sente uma ligeira satisfação naquilo: a noção de que teve sempre razão e de que, agora, até o Universo concorda que a única coisa lógica a fazer é acabar o namoro com Aidan.

Mas segue-se de imediato uma poderosa vaga de tristeza só de pensar que vai ter de o fazer, pelo que ela se aproxima do namorado, sentindo-se um pouco instável.

Aidan abraça-a automaticamente e os dois ficam ali parados, assim, por um instante. Ao longe, o motor de um carro ganha vida com um rugido e alguns pássaros fazem ouvir os seus gritos. À volta do casal, o céu está a esbater-se de azul para cinzento, os limites começando a desfocar-se, e Clare encosta a cara ao algodão macio da camisa de Aidan.

— Já alguém te sugeriu que podes ter um problema de controlo? — pergunta-lhe ele com um sorriso, recuando novamente. Tira-lhe o papel

das mãos com cuidado e alisa-o. — Parece que isto também exclui o número oito.

— O baile do outono — diz ela, assentindo com a cabeça. — A nossa primeira dança.

— Pois. Também não temos hipóteses de entrar no ginásio. É uma pena que eu não tenha licença para ser romântico, senão, fazia-te dançar comigo aqui, agora mesmo.

— Tudo bem. Já conheço os teus passos.

— Nem todos. Mas não te preocupes. A noite ainda é uma criança. Estou a guardar o melhor para depois.

— Mal posso esperar — diz-lhe ela, dando conta de quanto as suas palavras são verdadeiras.

Independentemente do que possa acontecer depois, eles ainda têm o resto da noite.

E talvez seja o suficiente.

Ela passa o braço pelo de Aidan, encostando-se a ele enquanto regressam ao carro. Começa a levantar-se uma brisa e, pela primeira vez, Clare sente algum frio: um primeiro indicador do outono. Normalmente, ela adora esta altura do ano e, há semanas, sempre que diz a alguém que vai para Dartmouth, a conversa acaba sempre por ir dar à folhagem de outono em New Hampshire: os intensos vermelhos, amarelos e laranjas espalhados pelo *campus* e mais além. Clare não duvida de que vai achar tudo encantador quando lá chegar. Mas, agora, não quer pensar na chegada de uma nova estação. Só quer continuar a viver a atual durante o máximo de tempo que lhe for possível.

Estão quase no carro quando ela para de repente.

— Gaita! — exclama, olhando por cima do ombro. — Eu queria trazer uma lembrança.

— Então, isto é *mesmo* uma caça ao tesouro.

— Só achei que podia ser giro. Sabes, ficar com qualquer coisa dos lugares onde pararmos esta noite.

Aidan inclina a cabeça.

— Tens a certeza de que isto não foi apenas um plano rebuscado para surripiar todas aquelas pedras preciosas da sala de Ciências?

— Acho que preciosas é capaz de ser um exagero. Mas não é o caso.

— Muito bem, então — diz ele, baixando-se para apanhar do chão uma pedra de aspeto banal.

É de um cinzento-ardósia, arredondada nas bordas, e ele esfrega-a com a fralda da camisa xadrez antes de lha entregar com uma expressão solene.

— Pronto! — exclama.

Clare sopesa-a na palma da mão. Passa o polegar pela superfície lisa enquanto recua em pensamento até àquele primeiro dia em que o viu na aula, à forma como a cara dele se iluminara quando tinha virado a rocha na mão e dera com todos aqueles cristais roxos, como se aquilo fosse um biscoito da sorte ou um ovo de Páscoa, o melhor tipo de surpresa.

— Pela autoridade que me foi outorgada — diz ele agora —, na qualidade de aluno com média de «Bom +» na disciplina de Ciências do Sr. Coady, tenho o prazer de lhe fazer saber que esta pequena pedra é agora oficialmente considerada preciosa.

E, por mais incrível que pareça: agora, era.

PARAGEM #2

A PIZARIA

19h12

Durante algum tempo, os dois ficam parados à frente da Slices, a olhar através das montras embaciadas para todas aquelas caras desconhecidas.

— Não demoraram muito a ocupar isto, pois não? — pergunta Aidan, franzindo os olhos na direção de uma mesa de canto que costumava ser o poiso de alguns dos seus colegas do lacrosse e que agora é ocupada por um grupo de estudantes do segundo ano, todos eles debruçados sobre os seus telemóveis.

— Saia de cena quem não é de cena… — diz Clare com ligeireza, embora também se sinta um pouco incomodada.

Depois de duas semanas de despedidas — duas semanas inteiras a dizer adeus aos amigos, um de cada vez —, parece que agora a cidade devia estar vazia. Mas, ali, é como se fosse uma noite igual a outra qualquer, o lugar à pinha, cheio de risos e mexericos e barulho.

Apenas já não é o riso e os mexericos e o barulho *deles*.

Aidan vira-se para ela, os seus olhos azuis iluminados.

— Deixa-me adivinhar — diz ele, esfregando as mãos. — Primeiro lugar onde te entornei qualquer coisa em cima.

Clare abana a cabeça.

— Não.

— Primeiro lugar onde me viste tropeçar nos meus próprios pés? Primeira vez que me viste comer quatro fatias de piza em menos de dez minutos? Primeira vez que fiz aquele truque com a embalagem da palhinha?

— Primeiro lugar onde conversámos — diz ela, interrompendo-o, porque sabe muito bem que aquilo pode durar a noite inteira. — Não que tenha sido uma grande conversa, mas *foi* a primeira vez que me dirigiste palavras com algum nexo.

— Ah, sim. Já me lembro. Tenho quase a certeza de que te disse que eras a rapariga mais bonita que já tinha visto e depois convidei-te para sair, logo ali.

— Quase — diz Clare com um sorriso. — Pediste-me para te passar o parmesão.

— Ah. Uma das minhas frases de engate menos usadas.

— Comigo resultou — diz ela, enquanto Aidan abre a porta.

Lá dentro, o restaurante está cheio de condensação e saturado com os cheiros de tomate e mozarela. Apenas um casal de meia-idade é visível no canto mais afastado, debruçado sobre as suas pizas e aparentemente incomodado com o caos que o rodeia. Salvo esta exceção, praticamente todos têm menos de dezoito anos. É como sempre foi desde que há memória — aquele sítio não é tanto um restaurante, mas antes um lugar para almoçar fora do *campus*, um ponto de encontro depois das aulas, um sítio onde estar no fim de semana com o pessoal do liceu. Com os seus assentos de couro estalado e banais mesas castanhas, a fiada de velhos videojogos ao longo de uma das paredes e a regra inquebrável de que as fatias são servidas sem acompanhamento, aquele restaurante a modos que sempre pertenceu à população mais jovem da cidade.

Assim que entra, Aidan para de repente e Clare repara que a sua mesa do costume está ocupada por alguns dos caloiros da equipa de lacrosse. Quando eles veem Aidan, apressam-se a levantar-se, mas ele faz-lhes sinal para que voltem a sentar-se.

— Desculpa — diz um deles. Parece uma versão mais nova de Aidan, cara redonda, ombros largos e ar descontraído, embora toda a confiança se evapore ao ver o antigo capitão da equipa. Há um quê de reverência na sua voz quando pede desculpa: — Achámos que já te tinhas ido embora.

— Falta pouco — diz Aidan, dando-lhe uma palmada nas costas. — É já amanhã.

— Os treinos começam assim que chegares lá?

Aidan assente com a cabeça.

— Pré-temporada.

— Bem, boa sorte, meu — diz ele, e alguns dos outros fazem o mesmo. — Vais ter de nos contar tudo quando voltares para a Ação de Graças.

Quando se afastam da mesa, Aidan pega na mão de Clare, que aperta a dele ao de leve. Ela vê o reflexo de ambos no vidro escuro da montra e repara no quanto parecem perdidos, como se tivessem entrado num lugar familiar e dado com os móveis todos fora do sítio. Mas então reconhecem uma voz perto da caixa registadora e viram-se ambos para dar com Scotty encostado ao balcão, à procura de moedas no bolso.

Aidan vai ter com ele, pousando energicamente uma nota de 5 dólares no balcão.

— É por minha conta — diz, assentando um soco no ombro do amigo, mas sem grande sucesso porque Scotty consegue esquivar-se, dando-lhe uma palmada na orelha antes de se desviar de novo. Clare deixa-se ficar para trás enquanto eles fingem pegar-se como sempre fazem, os dois à volta um do outro como se fossem pugilistas, até darem com Oscar — o volumoso e quase sempre mudo funcionário da caixa que parece fazer parte da mobília — a observá-los atrás do balcão, com ar de quem não está a achar graça nenhuma.

— Quantas? — pergunta ele, alçando uma sobrancelha.

Aidan tosse, endireitando-se.

— Cinco. Se faz favor.

Oscar dirige-se ao forno sem mais uma palavra, e Scotty aproveita para um último sopapo no braço de Aidan.

— Obrigado, meu.

— Está-me cá a parecer que devia iniciar uma espécie de fundo de caridade de pizas antes de me ir embora — diz Aidan. — Receio que passes fome sem mim.

— Cá me arranjo — diz-lhe Scotty, empurrando para cima os óculos de armações grossas. Os seus olhos escuros não param entre Aidan e Clare. — Então — pergunta —, é agora, não?

Aidan assente com a cabeça.

— Última noite.

— Durante um tempinho, pelo menos — diz Scotty.

Clare assente também.

— Isso mesmo, só um tempinho.

— E vocês os dois estão, hã, bem? — pergunta ele, embora seja óbvio que aquilo que realmente quer perguntar é: *Já decidiram o que vão fazer?*

— Estamos ótimos — responde Clare, trocando um olhar com Aidan.

— Quem é que está ótimo? — pergunta Stella, aparecendo ao lado deles.

Está toda de preto, como de costume, desde as botas às calças de ganga, camisa e brincos, que parecem duas coisas com um ar penugento que se perdem contra o fundo de cabelo negro-azeviche. Stella parece estar sempre a preparar um assalto e, ao lado dela, Clare sente que está a dar nas vistas, apesar de usar cores perfeitamente normais: um vestido de verão azul com um casaco de malha verde.

— Onde é que andaste? — pergunta-lhe Clare. — Achava que ias passar lá por casa esta tarde.

— Oh — responde Stella, torcendo os cantos da boca num sorriso. — Pois. Desculpa lá isso. Fiquei presa numa cena.

— Que cena? — pergunta-lhe ela, mas os olhos de Stella já estão pousados em Scotty, ocupado a despejar orégãos diretamente na boca. A maior parte cai-lhe na frente da *T-shirt* do Batman e ele tosse e bate no peito, os olhos rasos de água enquanto tenta engolir o resto.

— É como ver uma criancinha a tentar perceber como é que se come — diz Stella, abanando a cabeça.

Scotty faz-lhe cara feia enquanto sacode as ervas secas da *T-shirt*, e, como sempre, Stella retribui na mesma moeda. Fica alguns centímetros mais alta do que ele graças aos saltos vertiginosos que sempre faz questão de usar, e, passado um momento, Scotty limita-se a encolher os ombros e regressa aos orégãos.

O facto de os dois nunca se terem dado bem não costuma ser um problema. Mas, com a maioria dos amigos a caminho da faculdade, o grupo viu-se reduzido a um desconfortável quarteto: Scotty e Stella, já a implicar por causa de coisas que não interessam, e Aidan e Clare, ainda em desacordo a respeito de todas as muitas coisas que interessam.

Clare volta-se para Stella.

— Tens noção de que me vou embora amanhã de manhã, certo?

— Hum, sim — responde ela passado um segundo. — E eu estou de abalada no dia seguinte.

— Então, onde é que andaste?

Ela franze o sobrolho.

— O que queres dizer com isso?

— Onde é que andaste nos últimos dias? — repete Clare, ignorando Scotty e Aidan, que não param de olhar para uma e depois para a outra como se estivessem a assistir a um jogo de ténis. Mas ela quer lá saber; só quer que Stella saia de onde quer que tenha andado metida nos últimos tempos. Porque ir para a faculdade é uma coisa importante e Clare precisa mesmo da sua melhor amiga naquele momento.

Afinal, faz parte das funções — do contrato não verbal entre todos os melhores amigos. Clare tem de estar presente para Stella — para a ajudar nas candidaturas à faculdade ou fazer-lhe companhia nas intermináveis excursões às lojas de pechinchas, para a ouvir queixar-se da falta de rapazes interessantes na escola, ou dos cansativos três irmãos mais novos — e, em troca, Stella também devia estar presente quando Clare precisasse dela. Mesmo que isso implique dar-lhe na cabeça.

«Tu tens noção», perguntara-lhe ela já naquele verão, interrompendo-lhe uma das frequentes reflexões a respeito do que fazer com Aidan, «de que um dia vais acabar com ele, seja como for, não tens?»

Estavam no carro, a caminho do cinema, e Clare, surpreendida, desviara os olhos da estrada para enfrentar os de Stella.

«Porque é que dizes isso?»

«Porque é verdade», respondera Stella enquanto pousava um dos pés no tabliê. «Se não acontecer no fim do verão, há de acontecer algumas semanas depois, ou nas minifférias do Dia de Ação de Graças ou no Natal, ou no próximo verão. É inevitável.»

«Não sabes isso.»

«Sei, sim», insistira Stella com uma confiança irritante. «E, entretanto, vais passar o teu ano de caloira a ver a palerma da tua colega de quarto…»

«Beatrice», corrigira Clare, exasperada. Assim que ela recebera as informações de contacto da sua nova colega de quarto, Stella — que pedira para si um quarto individual — decidira de imediato que não

ia à bola com a outra. E, quando Clare e Beatrice haviam começado a trocar mensagens, a situação só tinha piorado. Stella insistira em examinar tudo o que aparecia no telemóvel de Clare, revirando os olhos ao ver o fluxo constante de nomes de bandas e datas de concertos que Beatrice não parava de referir.

«Seja», continuou Stella. «Vais ficar a ver *a palerma da tua colega de quarto, Beatrice*, a arranjar-se para ir a todos aqueles concertos *completamente parolos* de que ela tanto gosta, enquanto ficas enfiada no dormitório com o teu pijama de flanela, a ler um livro porque não te queres divertir sem o Aidan, que, diga-se de passagem, há de estar na Califórnia a deixar-se convencer pelo palerma do colega de quarto *dele*…»

«Chama-se Rob.»

«… pelo palerma do colega de quarto dele, Rob, o surfista…»

«Rob, o nadador.»

«Seja lá o que for», dissera ela, obviamente impaciente. «Pelo Rob, o nadador, cuja aparente e única preocupação é saber se o Aidan acha bem terem um minibar no quarto, o qual, imagino, *não* será para manter os vegetais frescos. Tu sabes que é garantido que ele há de arrastar o Aidan para sair e conhecer miúdas. E, mesmo que não o faça, o Aidan há de conhecê-las, de uma maneira ou de outra. Vai por mim. A faculdade é isso mesmo.»

«Além daquela parte em que estamos lá para aprender.»

«Essa parte vem em segundo lugar e muito distante. A questão é esta: queres mesmo passar os próximos quatro anos a sentir-te culpada porque saíste uma noite com a tua colega de quarto e ficaste apanhada por um baterista qualquer com um cabelo fabuloso e olhos de matador?»

Clare tinha-se rido.

«Quando foi que me viste ficar apanhada por um baterista?»

«Bem, nunca», admitira Stella, olhando-a de lado. «Mas talvez porque nunca te permitiste imaginar que existem outras possibilidades.»

«Além do Aidan, queres tu dizer.»

«Além do liceu, isso sim», dissera Stella.

Mas tudo isto fora no princípio do verão, quando Stella ainda se importava o suficiente para ser sincera. E quando tinha tempo para a ouvir. Ultimamente, não tem estado por perto para se importar nem para ouvir,

e, embora ainda estejam na cidade — pelo menos durante mais uma noite —, Clare tem a sensação de que a sua melhor amiga já se foi embora.

Talvez Stella esteja a dar-lhes tempo para resolverem as coisas sozinhos, ou talvez só tenha andado ela própria ocupada com os preparativos para a partida. Ou talvez esteja tudo a chegar ao fim e seja mais fácil fingir que não. Seja como for, Stella nunca foi propriamente perfeita naquele género de situação; é alérgica a sentimentos e desconfia de emoções, pelo que tentar fazê-la dar valor a um marco como aquele é quase como tentar abraçar um gato arisco.

Mas, mesmo assim, depois de catorze anos de amizade, Clare recusa-se a deixá-la escapar-se para a faculdade sem uma qualquer despedida que tenha significado para ambas.

Agora, Stella está encostada ao balcão, distraída a sacar guardanapos do respetivo dispensador e a evitar a pergunta de Clare. Finalmente, encolhe os ombros.

— Não sei. Tenho andado por aí.

— Nem por isso — contrapõe Clare, abanando a cabeça. — Não tens devolvido as minhas chamadas, tens chegado atrasada…

— Talvez não saiba ver as horas — brinca Scotty.

— … não tens respondido às minhas mensagens…

— … nem teclar — mete-se ele de novo.

— Cala a boca, Scotty — dizem as duas exatamente ao mesmo tempo e, então, não têm como evitar: assim que olham uma para a outra, desatam às gargalhadas.

— Desculpa — diz Stella passado algum tempo. — É só que tem sido muita coisa. Mas esta noite vamos compensar. A sério.

— Juras? — pergunta Clare, e Stella sorri.

— Que me caia um raio em cima — responde ela, exatamente com as mesmas palavras que usavam quando eram pequenas. Clare sorri, mas não parece muito convencida.

— *Okay* — diz ela quando, atrás das duas, Oscar assenta uma punhada no balcão. Elas viram-se e veem as suas fatias prontas. Aidan agarra na bandeja e vão todos para uma mesa vazia junto à montra.

Assim que se sentam, Scotty dá uma enorme dentada na sua piza. O queijo ainda fumega, e ele franze-se todo, largando a fatia no prato.

— Demasiado quente.

Stella revira os olhos.

— És mesmo um inepto.

— Palavra do dia? — pergunta-lhe Clare. Desde que fizeram os exames, Stella ficou obcecada com vocabulário pouco usado, escolhendo todos os dias uma palavra nova para meter na conversa.

Mas ela abana a cabeça.

— Não, é apenas o que ele é, mesmo. A palavra de hoje é *estupefacta*, ainda que nem consiga imaginar como é que a poderei usar, tendo em conta a ausência de motivos para ficar estupefacta por estas bandas. — Ela olha para Scotty com um sorrisinho. — A não ser, talvez, o quanto tu consegues ser mesmo um inepto.

— Foi com esse género de vocabulário que conseguiste entrar numa boa faculdade como a Florida State? — pergunta Scotty, depenicando na beira da sua piza enquanto espera que o queijo arrefeça, e Stella, ainda um pouco melindrada por só ter sido aceite numa faculdade, deita-lhe um olhar fulminante.

— Isto vindo do menino que vai para o politécnico — riposta ela, ao que todos emudecem de repente. Ao lado de Clare, Aidan pousa a sua piza no prato, ainda de boca aberta, e Stella, percebendo imediatamente que foi longe demais, fica sem cor na cara.

Há já meses que aquele é o assunto que ninguém refere. Passaram o verão inteiro a pisar ovos à volta do tema, e, mesmo agora, na véspera da partida, não parece bem trazê-lo à baila.

Porque, de todos, Scotty é o único que não está de partida no dia seguinte.

Não que todos eles não tivessem tido a sua quota-parte de rejeição na primavera anterior. Por muito que agora esteja ansiosa pelo clima da Flórida, o que Stella queria mesmo era ficar mais perto de casa, no mesmo estado, na Universidade de Illinois. Aidan não entrara em Harvard, nem mesmo tendo em conta os antecedentes familiares. E, apesar da sua confiança em ser aceite na maioria das faculdades, Clare só recebera uma resposta afirmativa de quatro das doze às quais se candidatara.

Scotty, todavia, não recebera um único sim. Depois de uma passagem pelo liceu que fora pontuada por formas cada vez mais criativas de se

baldar às aulas, não devia ter sido uma grande surpresa. Mas ele e Aidan tinham passado tantos meses a sonhar que haviam de conquistar a Califórnia juntos que Scotty demorara semanas até admitir o fracasso, e, quando finalmente o fizera, ficara claro para todos quanto aquilo lhe estava a custar. Desde então, ele tem dado o seu melhor para fazer daquilo uma piada — como faz com tudo o resto —, mas Clare desconfia que a única coisa mais difícil do que partir é ser deixado para trás.

Agora, a expressão dele é vazia, tem as orelhas rosadas nas pontas e o seu corpo magro está dobrado sobre a mesa de uma maneira que o faz parecer ainda mais magro do que o habitual. De um modo geral, a personalidade dele costuma ser suficiente para fazer os outros esquecerem-se do seu tamanho, mas agora parece que lhe arrancaram todo o ar do corpo.

Stella parece invulgarmente sincera ao pousar-lhe a mão no ombro.

— Desculpa lá. Tu sabes que eu não quis…

— Esquece — interrompe ele. — Está tudo bem.

Clare recorda-se de um episódio com Aidan, pouco tempo depois de terem começado a namorar, quando ele tinha sugerido que juntassem Scotty e Stella. Ele ainda era novo na altura, sem fazer ideia da subtil dinâmica que existia entre o pessoal do décimo primeiro ano, e ainda sem saber que os dois andavam às turras — mais ou menos ininterruptamente — desde o jardim infantil.

«Mas o Scotty é tão divertido», tinha comentado Aidan, o que era verdade. A maioria dos seus outros novos amigos pertencia à equipa de lacrosse, mas ele conhecera Scotty na aula de artes, onde eram os únicos rapazes. O primeiro trabalho fora um desenho a carvão de um objeto importante para eles. Todas as raparigas tinham desenhado medalhões com a forma de um coração, relógios antigos e diários com capas muito ornamentadas. Aidan desenhara o seu taco de lacrosse. Mas Scotty, obviamente, fizera uma versão picassiana do Sr. Cabeça de Batata, e, quando Aidan o elogiara sem a mínima ironia, os dois haviam-se tornado imediatamente amigos.

«Sim, mas ele não é o indicado para a Stella», dissera Clare. «Vai por mim. Conheço os dois há muito mais tempo. São como azeite e água.»

Mas não era propriamente verdade. O problema não era eles *não* combinarem; era antes que combinavam quase bem demais. Eram ambos ruidosos e divertidos, destemidos e leais, completa e totalmente magnéticos. Só que tinham passado a maior parte da sua vida a implicar um com o outro.

— A sério — diz Stella agora, ainda com a mão no ombro dele. Parece genuinamente arrependida. — Não foi…

— Está tudo bem — repete Scotty, olhando finalmente para ela. — Quer dizer, é o que está a acontecer, não é? Vocês estão de partida e eu vou ficar aqui. Não é como se ignorar isto fosse mudar alguma coisa.

Clare debruça-se sobre a mesa.

— Sim, mas…

— A sério, não há problema — insiste Scotty, e então a sua expressão cede um pouco. — Pelo menos, já não vou ter de partilhar a minha piza com vocês.

— A *tua* piza? — pergunta-lhe Aidan, alçando uma sobrancelha.

— Isso mesmo — responde Scotty, assentindo com a cabeça e parecendo já mais animado. — Vocês hão de estar a comer pizas de segunda em novas pizarias onde nunca puseram os pés, e eu vou continuar aqui… com isto tudo só para mim.

Stella ri-se, embora Clare consiga ver que é mais de alívio do que outra coisa; ela só está contente por não ter estragado a noite sem querer. Scotty deita-lhe um rápido olhar de esguelha antes de se voltar de novo para Aidan.

— E sabes qual é a melhor parte? — continua ele com um sorriso ainda maior. — Quando por fim te fizeres à estrada, vou ficar perfeitamente à vontade para convidar uma certa pessoa para sair. Talvez ela até possa vir ajudar-me a comer as pizas todas que vão sobrar…

Só passado um instante é que eles percebem onde é que ele quer chegar, mas, quando isso acontece, Aidan franze o sobrolho.

— Meu — diz ele, abanando a cabeça —, é a última vez que te digo. Não tens licença nem sequer para te *aproximares* da minha irmã.

Trata-se de uma piada que só Scotty parece achar engraçada. Para Aidan, continua a ser um tema delicado, e qualquer lembrança do baile da primavera do ano anterior — quando ele e Clare tinham saído mais

cedo e apanhado o melhor amigo dele a beijar-lhe a irmã mais nova num corredor escuro — é o suficiente para lhe fazer saltar a veia perto da têmpora.

Aidan sempre foi muito protetor com Riley e, mesmo depois de a história toda ter ficado esclarecida — o par dela tinha-a deixado pendurada e Scotty fora simpático e fizera-lhe companhia, e depois uma coisa tinha levado à outra —, continuava furioso. Aidan e Scotty tinham passado semanas sem se falar, apesar das tentativas de Clare para resolver as coisas entre os dois. E, embora a amizade de ambos tivesse recuperado com o tempo — com a ajuda da confissão de Riley de que fora ela quem beijara Scotty, e das promessas desesperadas de Scotty de que aquilo nunca se havia de repetir —, o assunto continua a ser delicado para Aidan.

A maioria das pessoas normais havia de andar com pezinhos de lã nas proximidades de um tema como aquele, evitando-o como a peste. Mas não Scotty, que ainda insiste em trazer tudo à baila de vez em quando, aparentemente com a esperança de que, com o tempo, se torne mais engraçado. O que não é o caso.

— Demasiado cedo — diz Clare, atirando-lhe um guardanapo amarrotado. Do outro lado da mesa, Stella olha para ele com uma expressão que diz sem margem para dúvidas: «Para com essa parvoíce.»

O sorriso de Scotty esmorece e ele encolhe os ombros.

— *Okay*, *okay* — diz ele a Aidan, levantando as mãos. — Só estava a brincar. Prometo que nem vou olhar para a tua irmã.

— Seja como for, nem tinhas hipóteses — resmunga Aidan, cruzando os braços.

— Então, pá!? — exclama Scotty, levantando a cabeça depois de falhar redondamente uma tentativa de abrir o invólucro da palhinha com uma assopradela. — Sou um excelente partido.

Aquilo faz Stella rir-se até tossir. Bate teatralmente no próprio peito algumas vezes, e Scotty amua de novo.

— O que é que foi? — pergunta-lhe ele, com um tom de desafio na voz. — Só porque achas que sou um idiota que não conseguiu entrar numa única faculdade?

— Não — responde Stella com firmeza. — Porque acho que és um idiota desbocado com uma autoconfiança despropositada.

Enquanto os dois recomeçam a implicar, Clare olha para Aidan, que costuma ser o árbitro nestas ocasiões. Mas ele limita-se a observá-los com uma expressão indecifrável e a cabeça inclinada para o lado. Quando os olhos de ambos se encontram, ele brinda-a com um sorriso cansado, mas, apesar de tudo, Clare pode ver que uma parte dele está secretamente a gostar daquilo. Era exatamente o que ele esperava daquela noite — qualquer coisa *normal*. Qualquer coisa ligeira e tola e sem significado. Qualquer coisa que não pareça um fim.

— Tive uma ideia brilhante — diz Clare, e Scotty e Stella voltam-se para ela como se se tivessem esquecido de que havia mais alguém ali. — Vamos jogar às estátuas.

— Eu passo — diz Scotty, encolhendo os ombros.

— Como seria de esperar — remata Stella, e, sem mais nem menos, os dois regressam ao interminável ciclo de provocações e discussões.

Clare recosta-se na cadeira e observa o pequeno restaurante, onde a luz é quente e amarela. Seria impossível contar o número de noites que tinham começado ou acabado ali, quantas noites haviam seguido aquele mesmo padrão. Ela deixa que tudo aquilo se apodere dos seus sentidos: os barulhos dos videojogos e as raparigas a cantar fora de tom numa mesa de canto, o cheiro a alho e a queijo, e as luzes fluorescentes do letreiro na montra escura, de um vermelho tão elétrico que incomoda os olhos.

Quando a sua atenção regressa à mesa, dá com Aidan a sorrir-lhe.

— Olá — diz-lhe ele, empurrando-lhe o ombro ao de leve com o seu.

— Olá — responde ela, tão baixinho que quase se perde no barulho daquele lugar, um barulho que não lhes pertence. Mas, mesmo assim, Aidan ouve-a.

— Achas que me podes passar o parmesão? — pergunta ele.

Clare agarra no queijo ralado e entrega-lho com um sorrisinho. Mas mais tarde, quando ninguém está a ver e a piza já acabou e já ninguém se lembra do frasco do queijo, ela não resiste: volta a agarrar nele e enfia-o na mala.